



Les Girls é ter charme, touché!

Les Girls is having charm, *touché!*

Luiz Morando¹

 <https://orcid.org/0000-0002-9315-0299>

Recebido em: 29 de setembro de 2021.
Primeira revisão: 29 de outubro de 2021.
Revisão final: 15 de novembro de 2021.
Aprovado em: 18 de novembro de 2021.

 <https://doi.org.10.46401/ardh.2021.v13.14498>

RESUMO: O presente texto tem o objetivo de relatar a breve trajetória do grupo de artistas travestis que se apresentou no Rio de Janeiro nos anos 1960. O relato apresenta um rápido histórico dos shows e espetáculos de grupos de travestis realizados no Rio de Janeiro no início dos anos 1960 e enfoca com mais detalhes o percurso de *Les Girls*, referência central da arte de montagem.

ABSTRACT: This text aims to report the brief trajectory of the group of transvestite artists who performed in Rio de Janeiro in the 1960s. The report presents a brief history of the shows and performances of transvestite groups held in Rio de Janeiro in the early 1960s and focuses in more detail on the path of *Les Girls*, a central reference in the art of montage.

Palavras-chave: Les Girls, travesti, montagem, teatro década 1960.

Keywords: Les Girls, transvestite, montagem, 1960s theater.

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (Habilitação Português-Francês - 1989), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992) e doutorado em Estudos Literários - Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997). Atuou como professor em um curso de Letras no ensino privado em Belo Horizonte entre agosto/1999 e dezembro/2020, Brasil. Curador do Museu Bajubá, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1454722009462064>. E-mail: luizmorando@gmail.com

Um campo cuja extensão parece ser bastante ampla e tem aparência de incógnita pela pequena quantidade de fatos, indícios, vestígios, traços e sinais levantados é o das formas de sociabilidade e circulação de pessoas travestis e trans ao longo do século XX no Brasil. É mais habitual que esse público ganhe visibilidade, quase sempre distorcida, por meio das páginas policiais dos periódicos, bem como dos discursos médico, forense, jurídico, policial, da Segurança Pública. Nesse sentido, é sempre enquadrado por uma lente ajustada pelo foco da anormalidade, degeneração, marginalidade, abjeção. Simultâneo a esse campo que converge para a criminalização das formas de expressão da sexualidade, há outro campo de ação ainda menos pesquisado, voltado para as práticas de montagem, de uma maneira geral. Tais práticas convergem para eventos de natureza diversa, como concursos de miss travesti, *shows* em casas noturnas, desfiles, apresentações teatrais, performances públicas. Se, desde o início do século XX, as apresentações teatrais de transformistas “imitadores do belo sexo” já eram relativamente comuns, atraindo grande público e dando notabilidade a artistas como Darwin, Aymond, Fátima Miris, a partir da década de 1950 essas atrações vão se diversificar e se multiplicar.

Antes de avançar no desenvolvimento deste artigo, cabe esclarecer com qual sentido o termo montagem é usado para abarcar as diferentes práticas de apresentação performática artística. A formulação adotada por Juliana Bentes Nascimento (2020, p. 232) delimita o seguinte: “A mudança de função de um objeto/acessório/indumentária e sua mutação em atributo artístico (conversão semiótica) representa o processo de montagem. Muitas vezes, esse processo passa por dentro do sistema de gêneros e sexualidades, pois, afinal, tudo entra no redemoinho das identificações”. A esse dado, Antonio de Lion (2020) acrescenta que “as práticas de montagem, ou seja, aquelas práticas artísticas em que um/a ator/atriz ‘se monta’ constituindo uma nova forma para performar uma persona *in drag* (como chamado atualmente), eram associadas ao deboche e à paródia artística”. Desse modo, podemos considerar que a montagem se constitui em uma forma de emular o sexo oposto por meio de uma operação de conversão e transformação estético-artística da qual resulta uma personagem de caráter paródico associado a um tom de humor (deboche, sarcasmo, galhofa, ironia...) e ludismo.

A essas duas concepções, ainda podemos reunir a perspectiva de Djalma Thürler e Beatrice Mathieu (2021, p. 4) sobre o termo travesti como “adjetivo que qualificava determinada cena artística com inúmeras variações durante a história”. Os dois autores se propõem a categorizar as manifestações dessa atividade artística usando a metáfora de ondas: a primeira onda, equivalente às décadas de 1920 a 1950; a segunda onda corresponde às décadas de 1960-1980; a terceira recobre de 1990 a 2009; a quarta onda se inicia a partir de 2010.

Por sua vez, Thiago Soliva (2016) chama a atenção para o fato de que o tom de *glamour* associado a imagens de cosmopolitismo e modernidade permitiu que indivíduos fora da norma heterocentrada se inserissem em espaços normativos. Desenvolvendo um estudo cujo caráter de *glamour* nas montagens se torna centro da análise, Soliva (2016, p. 16) acrescenta que o *glamour* se torna um “tipo de agência entre esses indivíduos, permitindo que habitassem o mundo, reivindicando existência dentro da norma hetero”.

Portanto, é importante colocar em perspectiva o termo “travesti” e a expressão “fazer o

travesti". Nas décadas de 1950-1960, a designação travesti não estava ligada a formas de pensar uma identidade de gênero ou de fazer representar uma expressão da sexualidade, como fazemos hoje. A ciência médica, especialmente a endocrinologia, associava a travestilidade a um desvio da saúde psíquica/sexual de "homens" que se faziam passar por "mulheres". Ou seja, adotavam vestimentas, expressões, acessórios, gestos, comportamentos atribuídos ao sexo feminino. Sendo assim, estavam reunidos a um conjunto considerado marginal de pessoas que não correspondiam a um padrão cisheteronormativo, como nos referimos hoje. Assim, Remom Bortolozzi (2015, p. 25) trabalha com a percepção de que a cena travesti não está vinculada à ideia de uma "identidade social, independente de trajetórias profissionais, localizando sujeitos políticos com demandas sociais identificáveis a partir da vivência de uma identidade de gênero específica". Dessa forma, fica bem demarcado que essa cena não nasce articulada com a noção e a vivência social de uma identidade de gênero.

A intenção neste texto é remontar uma breve história, por meio da imprensa, do show *Les Girls*, que criou a fama para um grupo de travestis no Rio de Janeiro nos anos 1960 e fixou um formato de espetáculo que se tornou, com as consecutivas adaptações, referência pelas décadas seguintes.

No Brasil, desde o século XIX, essa forma de exposição artística foi praticada, mas se intensificou ao longo do século XX (por exemplo, nos anos 1920 e 30, como referido anteriormente, Darwin e Aymond eram os grandes artistas do travesti). A partir de 1953, Ivaná se tornou a grande referência para o que ficou conhecido como 'travesti artístico' (para se dissociar do travesti como identidade de gênero — assim mesmo, no masculino, como foi utilizado até o início dos anos 1990 —, amplamente relacionado a diversas formas de suposto desregramento: prostituição, criminalidade, marginalização social, exploração sexual).

A escalada de sucesso de Ivaná não é solitária, embora tenha sido a mais relevante. Vale a pena apontar aqui pelo menos alguns outros artistas. Em 1950, Carlos Gil, que estará mais à frente em *Les Girls*, já era anunciado como "caricaturista do belo sexo" em um anúncio de divulgação de carnaval na boate Acapulco, no Rio de Janeiro (**A Noite**, 3 fev. 1950, p. 13); como transformista no espetáculo teatral *Banana não tem caroço* (**A Noite**, 8 jun. 1952, p. 6) e como um dos mais perfeitos imitadores de Carmem Miranda (**A Noite**, 25 fev. 1955, p. 4). O bailarino carioca Ronaldo Crespo excursionava pelo país e aportou, em Belo Horizonte, em diversos momentos a partir de 1952. Ou ainda o pernambucano Mendez, que se fixou no Rio de Janeiro, na segunda metade dos anos 1950, fazendo imitação da cantora Leny Eversong.

Figura 1 — Mendez em uma apresentação de 1962

Fonte: **Revista do Rádio**, 17 fev. 1962, p. 25.

É inegável o destaque que Ivaná tem sobre os artistas mencionados na composição dos atributos que se tornaram requisitos mínimos para a prática de montagem com sucesso: o *glamour*, o requinte, a elegância, andar e vestir-se “bem à feminina”, homenagens às divas da música, do teatro e do cinema — enfim, uma emulação que leva à ambiguidade, ao jogo, ao engano, ao estímulo à curiosidade. Esses artistas ainda têm em comum o fato de se apresentarem individualmente e construírem uma carreira em formato solo.

Figura 2 — Uma das performances de Ivaná

Fonte: **Última Hora**, 23 jul. 1957, p. 12.

Na virada dos anos 1950 para 1960, começam a surgir espetáculos que reúnem travestis. O primeiro a congregar mais de uma pessoa em travesti (cujos título e elenco não foram localizados em jornais) foi apresentado antes de junho de 1960 na boate Rafinée, tendo sido transferido naquele mês para a boate Favela. Maurício de Paiva (1961, p. 17), que mantinha a coluna "A noite no Diário" no jornal **Diário da Noite**, informou o seguinte: "Rafinée, na rua Sá Ferreira, iniciou como restaurante de classe; apresentou (pela primeira vez no Rio) um show todo na base do 'travesti'; a polícia não gostou dos shows extras e agora é salão de cabeleireiros". A curta nota resume claramente o contexto dos shows de travesti: começam a ser realizados em espaços "de classe" que se tornam mal-afamados, com escândalos e polêmicas decorrentes do público frequentador ou dos artistas que se apresentam; a vigilância policial; o fechamento da casa em decorrência da movimentação e da associação entre espaço degradado, frequentadores supostamente marginais e desordens.

O primeiro evento a ganhar grande visibilidade (não necessariamente o primeiro a ser apresentado nessa modalidade) foi o **Favela em 3-D**, que ficou em cartaz na boate Favela, na avenida Atlântica, 1.212, no Posto 2, a partir de dezembro de 1960, tendo sido anunciado pelo **Diário da Noite** como o "novo show de travesti". Quatro travestis compuseram seu elenco: Nádía Kendall (em algumas ocasiões anunciada como Nadja Kendall), Manon Lascaut, Sofia Loren e Bijou Blanche. O colunista D'Ezequiel (1960, p. 10), que assinava a coluna Night-Club no **Jornal dos Sports**, avaliou assim o espetáculo:

A música, o guarda-roupa e o "script" do little-show são, igualmente, bem jogados: música suave, de acordo com o ambiente e o "chic" do espetáculo; guarda-roupa discreto e bem; "script" ligeiro, destituído de frases ou piadas pornográficas ou de dúbia interpretação, mantendo o xiste (*sic*) e a comicidade através da mímica dos intérpretes e suas próprias caracterizações.

A opinião de D'Ezequiel dá bem a tônica do processo de transformações pelo qual esses shows passarão, culminando com **Les Girls**: sofisticação musical, requinte do figurino e um tom mais malicioso no texto. **Favela em 3-D** mereceu uma reportagem da **Revista do Rádio** (1960) com o título "Aqui está o show que a TV não pôde mostrar". Do quarteto mencionado, não se sabe o motivo pelo qual Bijou Blanche se afastou, possibilitando a formação do trio que se tornou conhecido como as Coccinelles brésiliennes. A referência a Coccinelle era uma tentativa clara de dar destaque à qualidade e desenvoltura dos artistas travestis do grupo. A artista transexual Jacqueline Dufresnoy, a conhecida Coccinelle, iniciara sua carreira na França, em 1953, e imediatamente obteve retumbante sucesso. Em 1958, ela se submeteu à cirurgia de redesignação sexual no Marrocos. Assim, atribuir esse título a um pequeno grupo de artistas era uma forma inequívoca de valorizá-lo artisticamente, ao mesmo tempo que o marcava com certo grau de exotismo, extravagância e anormalidade. Porém, como veremos adiante, o mesmo título será dado a um outro grupo de travestis.

Nádía, Manon e Sofia participaram de uma revista de carnaval intitulada **Rei Momo em travesti**, que ficou em cartaz no Teatro Recreio entre 5 de janeiro e 5 de março de 1961. O

espetáculo contava com texto de Mário Meira Guimarães, Walter Pinto e Gomes Leal. A peça de divulgação nos jornais anunciava, junto aos nomes de outras atrizes e atores cisgêneros, “a surpresa: Les Coccinelles brésiliennes iguais aos do Nouvelle Eve”. Em sua coluna de crítica teatral, Carlos Perez (1961, p. 3), do jornal **Tribuna da Imprensa**, fez um único registro irônico sobre nossas Coccinelles: “[...] O resto é apenas pitoresco, digno de ser observado por um sociólogo. Pitoresco são os ‘travestis’, lançando um drama hamletiano sobre o público do Recreio, que passa a indagar, em voz alta: ‘É ou não é homem?’”

O espetáculo era apresentado às 21 horas, o que permitiu que as Coccinelles brasileiras encenassem também, a uma hora da madrugada, na boate Favela, o show **A noite é delas**, que se manteve simultaneamente a **Rei Momo em travesti** entre janeiro e abril de 1961. O sucesso de público foi tão grande que a direção da boate resgatou e contratou Ivaná para se apresentar junto com Sofia durante o período final, em abril.

Figura 3 — Anúncio do show **A noite é delas**.



Fonte: **Diário da Noite**, 17 mar. 1961, p. 12.

Ainda a respeito das nossas três Coccinelles, A. Accioly Netto (1961, p. 20), da revista **O Cruzeiro**, emitiu a seguinte opinião na resenha “Os ‘travestis’ iniciam carreira no Recreio”:

No caso das “Coccinelles brésiliennes” (Sophia Loren, Nadja e Manon), nada ficam a dever aos transformistas parisienses. São três elementos que imitam perfeitamente o chamado “sexo frágil”, em roupas elegantes, voz e andar [...] como um dos pontos mais curiosos do espetáculo.

Sofia Loren ainda terá participação especial no espetáculo **Vive les femmes**, com texto de Mário Meira Guimarães, direção musical de Jean Louis d’Arco, produção e direção de Carlos Machado. O show estreou na prestigiada boate Night and Day, em 27 de abril de 1961, e permaneceu em cartaz até setembro daquele ano. Na peça de divulgação anunciada em jornais constaram os nomes dos seguintes artistas: “Grande Othelo, Consuelo Leandro, Iris Bruzzi, Rui Cavalcanti, Amparito e Sophia

Loren". O show não era exclusivo de travestis, mas Sofia teve destaque garantido, comprovando que já era uma artista com certo grau de atração de público pelo exótico que continha. Tanto foi assim que, com quinze dias de apresentação, Sofia estampava a capa da revista **Manchete**, de 13 de maio de 1961, e ganhava espaço significativo na reportagem sobre o evento. Observem que Sofia atuou em quatro espetáculos, sendo dois deles — **Rei Momo em travesti** e **A noite é delas** — encenados simultaneamente: o primeiro às 21 horas e o segundo a uma hora da madrugada.

Em 1961, *shows* que não ganharam tanta expressividade nos jornais também foram apresentados. Dois exemplos disso, cuja divulgação utilizou apenas a expressão "show travesti" em jornais, ocorreram no Key Bar, na rua Rodolfo Dantas, 91-B, entre 21 de janeiro e 25 de março de 1961, e outro na boate Bolero, em Copacabana, em março de 1961.

É possível que alguns outros *shows* tenham ocorrido entre 1962 e 1964, mas não chegaram a ganhar destaque na imprensa do período. É certo que, em 1964, espetáculos cujos carros-chefes eram promovidos por travestis ganharam uma força extraordinária. Essa nova onda é marcada pela iniciativa do empresário espanhol Francisco Bouzas, que havia arrendado a boate Stop, na Galeria Alaska, na avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1.241. Desde a década anterior, Copacabana já era um bairro com vida noturna bastante efervescente. A Galeria Alaska, desde 1958, era alvo de campanhas policiais de moralização, estimuladas por moradores, contra a presença de um público boêmio diversificado constituído também por pessoas dissidentes de sexo e gênero. Na reportagem "Portaria no Edifício Alaska para acabar com os apartamentos escusos" do jornal **Última Hora** (3 abr. 1958, p. 6), a inspetora eleita dos dois blocos de apartamentos reclamou da "intolerável promiscuidade que reina aqui", onde residiam "famílias respeitabilíssimas e gente de bem, obrigadas a conviver com marginais e rameiras da pior espécie".

É oportuno ainda reconhecer que, em 1957, estreava nos cinemas brasileiros o musical **Les Girls**, com direção de George Cukor e estrelado pelo trio de atrizes Mitzi Gaynor, Kay Kendall, Taina Elg e por Gene Kelly. O filme tinha a seguinte sinopse:

Depois de escrever um livro escancarando seus dias de dançarina na trupe 'Barry Nichols and Les Girls', Sybil Wren (Kay Kendall) é processada por difamar sua antiga companheira de palco Angele (Taina Elg). Assim como no clássico **Rashomon**, de Kurosawa, aqui a narrativa se desdobra em três episódios para contar três pontos de vista. Sybil acusa Angele de ter tido um caso com Barry (Gene Kelly); Angele, em seguida, diz que foi a amiga quem se enroscou com o sedutor dançarino; mas Barry entra na história para dar a sua versão dos fatos. (LES GIRLS)

Tratava-se de uma narrativa simples, com franco apelo sentimental ao público sustentado por histórias de encontros e desencontros amorosos. Mas, certamente, foi a amizade do trio de personagens femininas — embalado pelas relações de enganos/denganos, por coreografias suntuosas, composições musicais preparadas por Cole Porter e um figurino glamoroso — o ponto de partida para a criação do *show* brasileiro.

Ainda no final dos anos 1950, essa ideia central de três amigas que compartilham venturas e desventuras serviu de base para, em Paris, se realizar espetáculos com travestis, explorando e dramatizando situações cotidianas no palco.

No Brasil, uma espécie de pré-**Les Girls** foi apresentado entre junho e agosto de 1964, na

boate Stop Club, na Galeria Alaska. O espetáculo chamou-se **International Set** e contava a história dos amores internacionais de mulheres diferentes. O texto era de Mário Meira Guimarães, direção de Luís Haroldo, música de João Roberto Kelly, coreografia de Djalma Brasil e iluminação de Josemá. O show mereceu duas páginas na edição da revista **Manchete** de 8 de agosto e era composto pelo seguinte elenco de travestis: Bijou Blanche, Brigitte de Búzios, Manon Lascault, Rogéria, Cravo e Pilhéria, Marquesa, Gigi Saint Cyr, Nádia Kendall e Mamália Rodrigues. Ainda integravam o elenco Carlos Gil e Jerry di Marco.

Uma legenda da reportagem "Assim é... se lhe parece", de **Manchete** (8 ago. 1964, p. 99), comentou o seguinte: "Embora alguns dos travestis trabalhem em ateliers de costura, nem sempre os seus figurinos primam pelo bom-gosto. Em compensação, as perucas com que se apresentam no show são impecáveis". A **Revista do Rádio** antecipou em um mês **Manchete** e publicou uma reportagem de Atílio Cerino (1964) sob o título "Eles imitam elas..." na qual são informados alguns dados sobre as atrizes. É possível saber então as idades e profissões da maior parte do elenco: Rogéria é maquiadora e tem 21 anos; Manon é comerciária e tem 25 anos; Marquesa é cabeleireira com 19 anos; Brigitte é estudante e conta 19 anos; Bijou Blanche, a veterana da turma, tem 35 anos e é vitrinista.

Em determinado momento do período em que **International Set** estivera em cartaz, Bijou Blanche se desentendeu com a produção, tendo sido substituída por Valéria, marcando a estreia da trajetória artística dessa travesti (CAMARERO; OLIVEIRA, 2021).

Uma observação interessante sobre **International Set** é que o show também foi divulgado em alguns jornais, sem o uso de seu título, por meio de um anúncio com o seguinte texto: "Eles ou elas? / Você não vai acreditar / Uma verdadeira revolução nas noites cariocas o show de / TRAVESTITIS / da Boite Stop / 'As verdadeiras vedetes do 3º sexo'".

Ainda no mesmo período em que **International Set** esteve em cartaz, outros dois shows se apresentaram, estabelecendo uma concorrência comum a esse início da década de 1960, como já tivemos a oportunidade de salientar rapidamente. A boate Pigalle apresentou, entre julho e setembro, o show **Chez Madame Arthur** (cujo título contém explícita referência à famosa casa parisiense de espetáculos com travestis) com as seguintes estrelas: Valeria Dietrich, Fabette Schiller, Eloína, Vanda de Windsor e Lígia Belin.

O outro show estreou em 31 de julho na boate Lidô, a uma hora da madrugada. Tratava-se de **La Belle Ronde**, criado e dirigido por Carlos Martinez. Os jornais informam que Renata e Eloína eram as travestis presentes no elenco, dando a entender que existiam outras. A peça de divulgação tinha o seguinte texto: "Lidô / apresenta à 1 hora o show das 'bonecas' / La Belle Ronde / TRAVESTITI em bossa nova / (as mulheres vão dizer: 'Não é possível!' / Os homens vão exclamar: 'Como é que pode?'"'. Desse modo, vê-se que já havia uma dinâmica própria na criação e montagem de shows de travestis; na busca por artistas para montar elencos; na tentativa de caracterizar e sugerir uma qualidade internacional aos shows (pelo menos nos títulos); no grande número de artistas presentes no elenco; no estímulo à curiosidade e à ambiguidade, baseado nas opiniões ou termos do senso comum.

No final de julho de 1964, surgiram as primeiras notas na imprensa carioca que anunciavam a

preparação de **Les Girls**. No dia 29, Eli Halfoun, no jornal **Última Hora**, noticiava o trio responsável pela criação do show: roteiro a cargo de Mário Meira Guimarães; criação musical de João Roberto Kelly e direção de Luís Haroldo.

Mais à frente, a data inicialmente anunciada para estreia foi 27 de novembro. No entanto, apenas uma semana depois, em 5 de dezembro, a estreia se consumou, conforme anúncio estampado no jornal **O Globo**. Ainda no dia 5, houve uma jogada de marketing inteligente: **o Jornal do Brasil** publicou pequena reportagem divulgando que a renda obtida na noite de estreia seria revertida para as ações das Irmãs Vicentinas, como de fato aconteceu. Inteligente porque associou o trabalho artístico de oito travestis a uma ação beneficente direcionada a um asilo mantido por aquela ordem religiosa.

Figura 4 — Anúncio de estreia de **Les Girls**



Fonte: **O Globo**, 5 dez. 1964, p. 4.

O *show*, que se tornaria sucesso ao longo dos onze meses seguintes, foi composto pelas travestis Rogéria, Valéria, Marquesa, Brigitte de Búzios, Manon, Nadja Kendall, Wanda e Carmen. Ainda atuavam os atores Jean-Jacques, Carlos Gil, Jerry di Marco e Jardel Mello. O espetáculo era aberto com uma música iniciada com estes versos: "Les Girls, oh, Les Girls / ôôô, Les Girls / Les Girls é ter charme / Touché / Se pôr de bem todo dia / Les Girls é amar, é beber / É ser sexy, sexymania / Sou Les Girls / Sou Les Girls."

Um mês após sua estreia, o espetáculo **Les Girls** obteve reconhecimento público. O jornalista Eli Halfoun (1965, p. 2), do **Última Hora**, publicou esta crítica:

Les Girls: Meira acertou em cheio e mostrou talento de Jerri de Marco

Montar espetáculo para travestis é tarefa das mais perigosas. Tão perigosa que nem em Paris, onde nasceu este tipo de espetáculo, fizeram um *show* de "bonecas" com roteiro. Mas Meira Guimarães conseguiu não só escrever um espetáculo picante, sem ser imoral, mas captar, principalmente, a intimidade de cada "boneca". Para isto, Meira passou dias reunido com Hugo Freitas, idealizador deste *show* no Stop Club, que lhe transmitiu a personalidade de cada "artista". E o resultado foi dos melhores: **Les Girls** é, no momento, sem dúvida, o melhor e o mais luxuoso (os figurinos são belíssimos) espetáculo da noite. E mais: serviu para mostrar que as "meninas" têm talento. Os quadros estão bem bolados e a imitação das **Intelectuais** da TV-Rio é perfeita. Grande mérito do sucesso do espetáculo (ontem a casa estava superlotada, principalmente de turistas, entre os quais o norte-americano casado com a brasileira Vera de Almeida, que aplaudiu o *show* de pé e dando vivas) cabe ao pulso do diretor Luís Haroldo, que conseguiu incutir um pouco de profissionalidade nas "meninas" que nunca haviam pisado num palco. Jardel Melo sai-se muito bem como o "psicanalista". Jean Jacques, como "Irma La Marga" consegue arrancar gargalhada, só superadas pela entrada de Jerri di Marco, que no papel do enfermeiro refrigerado mostra o quanto é capaz de fazer. Seu papel parece muito com o de Paulo Araújo em **Como vencer na vida sem fazer força**. Ainda como Paulo, Jerri rouba o espetáculo. Carlos Gil não precisa de comentários: conhece o palco como a palma de sua mão. Destaquem-se ainda a atuação de Rogéria e a de Valéria, que, imitando Elizete Cardoso, arranca os maiores aplausos do espetáculo.

Em 15 de março de 1965, **Les Girls** completou a centésima apresentação.

Desde o início, os colunistas que cobriam a cena cultural da noite carioca publicavam pequenas notas informando sobre as apresentações, o retorno do público, pequenas fofocas sobre as integrantes da trupe e os planos futuros para a atração. Em 1º de abril de 1965, Eli Halfoun (1965, p. 2) publicou:

Sonia Mamede e Jerri di Marco serão as principais figuras da próxima revista de Gomes Leal para o Teatro Rival. Mas a grande atração da peça, ainda sem nome, será a participação dos travestis do Stop, Rogéria, Marquesa, Brigitte, Nádia e Valéria. 'Elas' serão apresentadas no espetáculo como 'Les Coccinelles brésiliens' (sic). E depois não acreditam quando digo que este mundo está cada vez mais doído.

Novamente, o título *Coccinelles* brasileiras seria atribuído a um grupo de travestis, naquele momento reforçado pela então recente, polêmica e atribulada passagem da própria *Coccinelle* pelo Brasil em 1963.

Figura 5 — Reportagem “Eles fazem o espetáculo”



Fonte: **Manchete**, 20 fev. 65, p. 56.

Em 6 de maio de 1965, era a vez de Jorge Villar (1965, p. 4), de **O Jornal**, anunciar as intenções futuras do proprietário da Stop:

LES GIRLS, o show travestido do Stop, continua em cartaz e ainda desperta curiosidade do público do Rio. O espetáculo com script de Meira Guimarães e música de João Roberto Kelly é dos melhores, no seu gênero, sendo mesmo, na opinião de muita gente viajada, superior a alguns do estrangeiro. O sr. [Francisco] Bouzas [dono da Stop] está satisfeito com o movimento de sua casa, mas já tem no 'bolso do colete' um novo espetáculo para as 'bonecas'.

Entre 1º de dezembro de 1965 e 27 de fevereiro de 1966, o **Jornal do Brasil** divulgou diariamente a peça publicitária de **As cortesãs**, anunciando para data próxima o novo show de travestis que substituiria **Les Girls** na Stop. Além de Carlos Gil, foi anunciada a contratação de três travestis: a japonesa Akiko, Bia de Carlo e Mona Lisa. No entanto, este show nunca estreou.

Figura 6 — Anúncio do show **As cortesãs**

Fonte: **Jornal do Brasil**, 29 dez. 1965, Caderno B, p. 6.

A partir de junho de 1965, **Les Girls** começou a se apresentar fora do Rio de Janeiro. De um lado, o sucesso e a novidade foram muito grandes, o que estimulava uma demanda de público em outros centros; de outro lado, em abril, o proprietário da Stop Club, Francisco Bouzas, começou a ter problemas financeiros e a não honrar os compromissos com a equipe. Tanto foi assim que em agosto do mesmo ano a boate estava na iminência de fechar as portas. Em São Paulo, a trupe esteve, nos meses de julho e agosto, nas boates Oásis e Ela, Cravo e Canela; em setembro, no Teatro Paramount; em outubro, no Teatro Esplanada; e ainda retornaram em fevereiro de 1966, no Teatro Natal.

Em junho de 1966, o ápice do sucesso: uma viagem internacional ao Uruguai, onde o grupo se apresentou em Montevideu e Punta del Este.

Mas nem tudo foi harmonia e boa receptividade. Houve censura também por onde andaram! À medida que o sucesso era irradiado pelo país e shows eram programados em outras cidades, a reação conservadora começou a operar.

Em novembro de 1965, próximo de uma possível estreia do grupo em Santos, uma sessão na Câmara Municipal foi encerrada com confusão. Em sua pauta, houve uma tentativa de votar o requerimento do vereador Dirceu de Souza Lima proibindo a realização de espetáculos com travestis na cidade.

Em abril de 1966, em uma possível apresentação do grupo em Porto Alegre, o "juiz Honorino Batelli, da 2ª Vara da Fazenda, denegou mandado de segurança de um teatro local contra a Censura gaúcha, que proibiu o espetáculo das bicharocas conhecido como **Les Girls**", de acordo com Stanislaw Ponte Preta (1966, p. 3).

Em novembro de 1966, a cidade do Recife também aderiu à censura a **Les Girls**: o vereador Wandenkolk Wanderley iniciou articulação para impedir a apresentação do show no Teatro Santa Isabel.

O sucesso é bom e todos gostam, ao mesmo tempo que desperta a concorrência. A crescente fama provocada por **Les Girls** não demorou a estimular o aparecimento de outros shows, aproveitando a curiosidade e o interesse do público. Entre maio e setembro de 1965, o Teatro Rival apresentou uma revista com texto de Luiz Filipe Magalhães intitulada **Boas em liquidação**. Entre as várias atrações, havia quadros com as travestis Fabette, Eloína, Renata, Jacqueline e Sarita

Lamarque.

Em 26 de julho de 1965, estreou na boate Top Club, na praça do Lido, o espetáculo **Very, very sexy**. Na ficha técnica, constavam a produção de Hugo de Freitas, direção de Alberto Perez, música de Jean d'Arco, cenografia de Peter Gasper e figurino de Viriato Ferreira. No elenco de travestis, estavam Bijou Blanche, Monique, Suzy Wong, Georgia Bengston, Renée Rial, Lorena, Sofia Loren (não é a mesma de **Vive les femmes**), Milá, Cassandra, Gigi Saint Cyr, Darla Mendes, Bellah Barrière, Jane Angel. O show ficou em cartaz até outubro, na Top Club, transferindo-se em dezembro para o Teatro Dulcina, onde ficaram em curta temporada.

O sucesso do primeiro **Les Girls** abriu passagem para algumas integrantes do grupo iniciar carreira individual, sobretudo fora do país. Ainda em agosto de 1965, Valéria gravou um compacto pela indústria fonográfica Mocambo. Após o cumprimento das diversas agendas em outras cidades no segundo semestre de 1965 e início de 1966, algumas delas foram para a Europa, como aconteceu, primeiro, com a própria Valéria e, mais tarde, com Rogéria (convidada por Valéria) e Brigitte de Búzios.

Fazia-se necessário suprir o público carioca com um novo espetáculo de **Les Girls**. A equipe original que criou o primeiro show, desta vez desligada da boate Stop e do contrato formal com Francisco Bouzas, voltou a se reunir para um segundo. Com roteiro de Mário Meira Guimarães; criação musical de João Roberto Kelly; direção de Luís Haroldo e figurino de Viriato Ferreira, nasceu **Les Girls em Op Art**, cuja estreia se deu no Teatro Dulcina, em 17 de março de 1966. Um destaque deve ser feito para Viriato, que causou excelente impressão com o figurino inspirado em Courrèges (e eu diria também em Mondrian por meio de Yves Saint-Laurent). Este show foi estrelado por Georgia Bengston, Jane di Castro, Bellah Barrière, Wanda, Vera, Cassandra, Fanny, Cristine, Chanel e Monique (que substituiu Jane di Castro, como será visto mais adiante no depoimento dela).

Figura 7 — Reportagem “Op girls”



Fonte: **Manchete**, 9 abr. 1966, p. 78-79.

Também em março de 1966, um show concorrente ao novo **Les Girls** foi estrelado, demarcando com muita clareza que os shows de travestis já haviam se tornado um grande filão comercial na noite carioca, constituindo-se claramente como referência nas formas de sociabilidade LGBTQIA+ em um momento político no país que começava a se tornar nevrálgico em função do acirramento da ditadura civil-militar.

No final do mesmo mês, a boate Stop estreava **Alô, bonecas**, com uma tendência a se tornar sucesso dada a reunião de parte da equipe criadora: roteiro de Mário Meira Guimarães; criação musical de Célio Felício; figurino de Mário Henrique e direção de Luís Haroldo. O corpo de artistas era formado por Desirée, Monique, Bijou Blanche, Gisela, Bellah Barrière, Mona Lisa, Sofia, Brigitte de Búzios, Vera e Georgia Bengston. No entanto, para alcançar o sucesso esperado, o espetáculo precisou passar por diversas alterações ao longo do período em que ficou em cartaz.

Ainda vale a pena registrar um show concorrente a **Les Girls**, montado com travestis, intitulado **Les Boys de Copacabana**. Claramente definido como contraponto a **Les Girls**, o show trazia no título a mesma ironia misturada a certa zombaria ao lidar com a incerteza e a dúvida do “terceiro sexo”. O texto do show era de Luiz Filipe Magalhães e o anúncio em jornais registrava o seguinte: “Brigite Blair apresenta o show de travestis Les Boys de Copacabana / com as mais desvairadas bonecas da madrugada!”. O espetáculo ficou em cartaz entre 5 de agosto e 7 de

outubro de 1966, no Teatro Miguel Lemos, com apresentações à meia-noite. O elenco era formado por Ronaldo Crespo, Sarita Lamarque, Marize, Fabette, Eloína, Liza Belini, Lucrecia e Suzi.

Motivada pelo sucesso de **Les Girls em Op Art**, a revista **O Cruzeiro** produziu uma reportagem ousada para a época, testando o que hoje chamamos de passabilidade. A equipe da reportagem combinou com um grupo de *girls* do elenco um passeio pelas ruas do Leme e observou que, aparentemente, os transeuntes não percebiam que se tratava de travestis. Participaram da experiência Monique, Vera, Bellah Barrière, Wanda, Cassandra e Geórgia Bengston.

Figura 8 — Reportagem “As girls saem às compras”



Fonte: **O Cruzeiro**, 23 jun. 1966, p. 53.

A saudosa Jane Di Castro, falecida em outubro de 2020, relatou para mim que a produção do ensaio não foi tão tranquila quanto as imagens sugerem. Em dado momento, os transeuntes perceberam que eram travestis que circulavam à luz do dia e começaram a constranger as meninas. Imediatamente, elas entraram em uma Kombi que as esperava em um local combinado!

Aquela matéria foi no Leme e elas se arrumaram num bar, num restaurante que tem na Atlântica, La Fiorentina.² Elas tiveram que correr porque chamaram a polícia. Aquilo ali também deu muito babado porque foi em plena ditadura militar e a revista quis fazer aquilo pra confrontar, porque **O Cruzeiro**, ele era contra o regime, então foi lá, o texto era muito... **O Cruzeiro** era muito censurado, né, naquela época, muito perseguido. Então botaram elas, usaram elas, elas foram usadas. Graças a Deus eu não fiz, porque nessa confusão toda a Cassandra quebrou um dedinho porque ela correu pela rua, entrou numa van, porque elas tavam andando e uma van acompanhando elas, porque se acontecesse alguma coisa, de quererem bater nelas, elas tinham que correr pra van. Nem segurança tinha, nem policiamento tinha. E elas nem passavam por mulheres porque a gente via que aquilo tudo era travesti na época, né. Mas elas quiseram fazer escândalo mesmo. Foi uma matéria que eu, graças a Deus, eu não fiz. Mas eu estava no elenco ainda. A Monique entrou [na reportagem] porque ela já ia entrar no meu lugar. Ela ficou lá um mês me assistindo pra fazer igual o número. Eu fazia uma entrada no prólogo, eu fazia intelectuais, eu fazia uma chique com a Geórgia Bengston, porque a Geórgia Bengston fazia uma pau de arara. E eu era a irmã dela, muito chique, porque era o papel que a Marquesa fazia no Stop, e ele me escolheu por causa da beleza, porque eu era muito jovem também, eu tinha 19 anos por aí, e bonita. Eu fui escolhida num baile de carnaval. Eu fiz um teste, passei e eu fazia a chique, depois eu fazia... Eu tinha umas três entradas, fazia prólogo e final, intelectuais e esse número com a Geórgia Bengston e tinha mais um outro número que eu não lembro... Um dos pufes... tem muito tempo isso. Mas era muito bonito. Naquela matéria que tem a Geórgia Bengston ali e a Cassandra, eu também estou.³ Eu não sei se você tem ela. Não sei se foi **Fatos & Fotos** ou a revista **Manchete**, porque nós fizemos duas revistas; três, né... várias. Fizemos **Manchete**, **Fatos & Fotos**... jornais, então... foi muita matéria... nós tivemos publicidade igual no Stop porque foi um escândalo, porque foi o primeiro musical só com travestis no teatro. Até então só tinha atrações, um no Carlos Gomes, eram só atrações, duas... Mas um elenco assim, um espetáculo para o público, popular... Eu fui a pioneira, meu amor, eu sou uma das pioneiras. Porque elas fizeram boate e foram para São Paulo fazer boate, depois foram para Porto Alegre e de Porto Alegre foram pro Uruguai, Montevideú, porque a Rogéria voltou.⁴ A Rogéria voltou e nós já távamos terminando o **Les Girls**. A Rogéria estreou acho que era **Elas por elas** e depois foi logo pro Carlos Machado, estrear no Carlos Machado. Em 67 nós estreamos em março no Teatro Rival na peça **Vem quente que estou fervendo**⁵ e que a Rogéria fazia o Machado e fazia o Rival, que foi minha segunda peça. Eu estreei **Les Girls** e minha segunda peça foi o Rival. Aí depois eu fiquei até 1970.

Por razões que ainda necessitam ser melhor esclarecidas, a partir de 1967, dois produtores de **Les Girls** — Carlos Gil e Jerry di Marco — se apropriam do nome. Eles montaram outros espetáculos e começaram a circular pelas capitais do país, com corpos artísticos diferentes. Assim, os espetáculos foram se moldando, adaptando-se às necessidades, à demanda do público, às mudanças culturais e políticas que ocorriam no país, ao mesmo tempo em que perderam em qualidade, suntuosidade de figurinos e se tornaram mais escrachados.

Foi também Jane di Castro quem deixou um depoimento para mim sobre a dissolução de **Les Girls**.

2 Jane se refere à reportagem “As ‘girls’ saem às compras” publicada em **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, Ano XXXVIII, n. 38, p. 52-55, 23 jun. 1966.

3 Jane ainda se refere à mesma reportagem, onde há uma foto com Geórgia Bengston interpretando seu personagem no palco.

4 Rogéria deixou a *tournee* de **Les Girls** em Pelotas (RS). Em seu retorno ao Rio, entrou no elenco de **Alô bonecas**, que estava em cartaz no Stop, tendo ganhado dois quadros para si na peça.

5 Estreou no Teatro Rival em abril de 1967.

Querido, deixa eu te falar uma coisa pra você. Existiu em 1964 **Les Girls**, na boate Stop, com aquele elenco da Rogéria, Valéria, aquela turma toda, né? Aí elas pararam em... final de 65 para 66, elas foram pra São Paulo pra fazer boate e nós fizemos, estreamos em março... ou abril, sei lá, no Teatro Dulcina, que foi o primeiro espetáculo de travestis, era um grupo de travestis, liberado pela Censura em teatro, porque até então elas faziam em boate prum grupo muito reservado para 60, 50 pessoas, a boate era muito pequenininha. Mas foi um sucesso de grande... de imprensa e de frequência... que Ibrahim Sued, alta sociedade... Era um glamour, entendeu? Aí depois do Teatro Dulcina, elas tavam viajando, aí elas voltaram, a Valéria foi pra Montevideu, a Rogéria não quis ir, voltou e estreou no Teatro Dulcina **Elas por elas**. Em 66, nós estávamos no Teatro Dulcina fazendo **Les Girls Op Art**, substituindo elas, mas com a mesma equipe: produção, direção, texto, tudo original. Aí depois que elas pararam de viajar, o Jerry di Marco e o Carlos Gil começaram a inventar **Les Girls** por conta deles, viajando pelo Norte, Nordeste, tudo escondido, escondido porque naquela época não tinha internet e ninguém ficava sabendo aqui. Então elas fizeram muito, viajaram muito. Depois que o Luís Haroldo descobriu, foi a maior confusão! Aí começaram a botar **Vivre Les Girls**, não sei o que lá **Les Girls**, sempre usando o segundo **Les Girls**, mas não foi mais sucesso. Fizeram **Les Girls** até em São Paulo, Teatro das Nações, a estrela era a Lorena, mas tudo com Carlos Gil, era tudo fake. Elas usavam a abertura que era uma música assim, quer ver: [cantarola] "Les Girls, ô Les Girls, / ôôôô Les Girls, / Les Girls é ter charme, touché / se pôr de bem todo dia / Les Girls é amar, beber / é ser sexy, sexymania / sou Les Girls, sou Les Girls, sou Les Girls". Essa era a música da abertura que nós fazíamos e de final, e que elas preservaram só a abertura, o resto mudou tudo: eles não tinham texto, eles não tinham os personagens. Eles não usavam... eles inventaram músicas, dublagens, uma fazia strip, a outra fazia um número de plateia, tudo que não tinha nada a ver com o original, entendeu? Então usaram muito, mas depois deu um babado de processo, teve brigas com o Carlos Gil, com o Jerry di Marco e dissolveram, né? Aí o Jerry foi com uma turma prum lado, Carlos Gil pro outro, era uma confusão danada. Mas uma coisa é certa: só teve dois originais — boate Stop e Teatro Dulcina. Eu falo original porque foi tudo ao pé da letra: música, texto, direção, só mudou o figurino, foi pra Op Art, porque foi uma homenagem, eu lembro que foi ao Courrèges, que foi o Viriato Ferreira que fez, que fazia parte do elenco e depois saiu e entrou a Fanny. Depois eu saí, porque eu não pude viajar pro Nordeste, Norte, porque eu tinha um emprego fora aqui e botaram a Monique no meu lugar. Quando a Monique fez aquela matéria ela ainda não estava em **Les Girls**, mas ela tava entrando, então não me botaram na matéria, botaram ela porque eu já tava de aviso prévio, com um mês, pra sair antes, entendeu? A história é por aí. Então as pessoas confundem muito.

A história de **Les Girls** merece ser resgatada com mais detalhes. Em um momento em que várias forças de coerção — policial, judiciária, moral, religiosa, familiar — agiam para oprimir e reprimir as travestis, proibindo-as de sair ou de se apresentar em público, aquele grupo inicial, de dezembro de 1964, tomou para si a tarefa de comprovar suas habilidades e versatilidade artísticas.

Fica aqui um sincero agradecimento a Divina Valéria e, em memória, a Rogéria, Marquesa, Brigitte de Búzios, Manon Lascaut, Nádia Kendall, Wanda, Carmen e Jane Di Castro.

Referências

- ACCIOLY NETTO, A. Os "travestis" iniciam carreira no Recreio. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, Ano XXXIII, n. 18, p. 20, 12 dez. 1961. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pasta=ano%20196&pesq=Recreio&pagfis=134947>. Acesso em: 20 set. 2021.
- AQUI está o show que a tv não pôde mostrar. **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, Ano XII, n. 587, p. 14-17, 17 dez. 1960. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pasta=ano%20196&pesq=Ezequiel&pagfis=33881>. Acesso em: 20 set. 2021.
- ASSIM é... Se lhe parece. **Manchete**, Rio de Janeiro, Ano XII, n. 642, p. 98-99, 8 ago. 1964. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=004120&pasta=ano%20196&pesq=Ezequiel&pagfis=57905>. Acesso em: 19 set. 2021.
- BORTOLOZZI, Remom Matheus. A arte transformista brasileira: rotas para uma genealogia decolonial. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 123-134, 2015. Disponível em: <https://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v17-n3-bortolozzi>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- CAMARERO, Alberto; OLIVEIRA, Alberto de. **Divina Valéria**. São Paulo: Editora Campos, 2021.
- CERINO, Atílio. Eles imitam elas... **Revista do Rádio**, Rio de Janeiro, Ano XVII, n. 773, p. 12-13, 11 jul. 1964. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=144428&pasta=ano%20196&pesq=Recreio&pagfis=43515>. Acesso em: 19 set. 2021.
- D'EZEQUIEL. Favela em 3-D. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, Ano XXX, n. 9.596, 16 dez. 1960. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112518_03&pasta=ano%20196&pesq=Ezequiel&pagfis=4182. Acesso em: 19 set. 2021.
- HALFOUN, Eli. **Les Girls**: Meira acertou em cheio e mostrou talento de Jerri de Marco. **Última Hora**, Rio de Janeiro, Ano XIV, n. 1.456, Matutino, 2º Caderno, p. 2, 4 jan. 1965. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=apartamentos%20escusos&pagfis=106158>. Acesso em: 21 set. 2021.
- HALFOUN, Eli. **Última Hora**, Rio de Janeiro, Ano XIV, n. 4.725, Vespertino, 2º Caderno, p. 2. 1º abr. 1965. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=apartamentos%20escusos&pagfis=108361>. Acesso em: 20 set. 2021.
- LES GIRLS. Ficha técnica completa. Disponível em: <https://filmow.com/les-girls-t6956/ficha-tecnica/>. Acesso em: 19 set. 2021.
- LION, Antonio Ricardo Calori de. Corporeidades dos femininos no teatro de revista na década de 1950. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 25., 2020, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANPUH-SP, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1601315755_ARQUIVO_90968ffc779a718ae92fd997cc2ee06e.pdf. Acesso em: 18 set. 2021.
- NASCIMENTO, Juliana Bentes. Identidades em trânsito: revisitações acerca da arte da montagem. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues; LION, Antonio Ricardo Calori de (org.). **Corpos em trânsito**: existências, subjetividades e representatividades. Salvador: Devires, 2020. p. 228-242.
- PAIVA, Maurício de. Anoite no **Diário. Diária da Noite**, Rio de Janeiro, Ano XXXII, n. 11.961, 20 dez. 1961. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_04&pasta=ano%20

[196&pesq=maur%C3%ADcio%20de%20paiva&pagfis=16921](#). Acesso em: 20 set. 2021.

PEREZ, Carlos. Rei Momo em travesti. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 2.345, p. 3, 13 jan. 1961. 2º Caderno. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pesq=%22voc%C3%AA%20n%C3%A3o%20emplaca%2061%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.br&pagfis=4260. Acesso em: 23 set. 2021.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Última Hora**, Rio de Janeiro, Ano XV, n. 1.829, Matutino, p. 3, 13 abr. 1966. Caderno 2.

PORTARIA no edifício alaska para acabar com os apartamentos escusos. **Última Hora**, Rio de Janeiro, Ano VIII, n. 2.376, p. 6, 03 abr. 1958. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=apartamentos%20escusos&pagfis=46737>. Acesso em: 19 set. 2021.

SOLIVA, Thiago Barcelos. **Sob o símbolo do glamour**: um estudo sobre homossexualidades, resistência e mudança social. 2016. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

THÜRLER, Djalma; MATHIEU, Beatrice. A primeira onda da cena travesti no Brasil: a centralidade do "corpo em movimento". **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-28, set. 2021.

VILLAR, Jorge. "Arco-íris" adiando sine die. **O Jornal**, Rio de Janeiro, Ano XLVI, n. 13.376, p. 4, 6 maio 1965. 2º Caderno. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_06&pasta=ano%20196&pesq=Recreio&pagfis=43654. Acesso em: 19 set. 2021.